



COTA NÃO É ESMOLA: UM OLHAR A CERCA DOS COTISTAS DA UFFS CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL

Karin Ribas (apresentadora)¹
Maria Eloá Gehlen (co-autora)²

Resumo: Ser contra as cotas raciais, é ser contra a diminuição das distâncias na sociedade. É fomentar e enaltecer o “mito da Democracia racial”. Este trabalho, em suma, busca proporcionar uma reflexão teórica a cerca da importância da política de cotas para os estudantes afrodescendentes. No Brasil, em 1990 as discussões a cerca dessa política pública eram eminentes, no entanto, se tornara realidade em algumas instituições de ensino superior apenas mais tarde, a partir dos anos 2000. Foi crescente o aumento de instituições que aderiram a ação afirmativa, culminando então, na aprovação da Lei de cotas N°12.711 em Agosto de 2012, cujo texto sancionado tornara obrigatório a reserva de 50% das vagas distribuídas entre estudantes pretos, pardos e indígenas, e oriundos de escolas públicas. Vale ressaltar que as cotas, tanto raciais como sociais, são um tipo de ação afirmativa, que visa priorizar o acesso de minorias historicamente excluídas: no caso dos negros e negras, foram quase 300 anos carregando o árduo peso do sistema escravagista. Assim, a política de cotas visa superar e romper com desigualdades sociais e raciais, numa sociedade marcada pelo racismo e a precariedade do ensino nas escolas públicas, onde os desiguais são tratados de maneira igualitária, as mazelas provocadas pela desigualdade tendem a aumentar drasticamente. Nesse sentido, a noção de políticas públicas trata o desigual de maneira desigual, cedendo espaços ou privilégios que foram negados a um grupo todo, sendo um mecanismo de acesso á cidadania. Frente a inúmeras polêmicas e discursos de ódio sobre [principalmente] as cotas raciais, é comum encontrar sujeitos que sejam contra o assunto em voga, tomando como exemplos casos isolados de superação, como o ex-ministro Joaquim Barbosa, do Supremo Tribunal Federal, quando o que se deve levar em consideração é a regra na sociedade e não a exceção. Tendo em vista que a população negra é minoria dentro das universidades, mas, não por coincidência, maioria nos presídios; nos bancos do subemprego; nas favelas, a cota, por sua vez, diz respeito a questões de oportunidade [que é o que falta!] e não de capacidade, porque isso os cotistas já mostraram que produzem conhecimento tanto quanto um acadêmico de pele branca. O fato de existirem as cotas sociais, não excluem a importância das cotas raciais, já que o negro, marginalizado pela sociedade, sofre duplamente: pela vulnerabilidade econômica e com as doses diárias do racismo. A Universidade Federal da Fronteira Sul- UFFS, especificamente o *campus* Laranjeiras do Sul, consta em seu perfil a acadêmico a inserção de 316 estudante pretos ou pardos, distribuídos entre todos os cursos da instituição até o 1° semestre deste

¹ Acadêmica da 8° fase do curso de Licenciatura em Educação do campo, Ciências sociais e Humanas- Alternância. Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Laranjeiras do Sul. karinsibenribas@gmail.com

² Doutora em Educação, Universidade Federal da Fronteira Sul, *campus* Laranjeiras do Sul. maria.gehlen@uffs.edu.br.



mesmo ano. Os mesmos cotistas são oriundos de vários estados brasileiros, contribuindo na qualidade e produção de conhecimento científico, proporcionando diversidade estética e cultural, e, mesmo ainda sendo uma presença diminuta, representam a força do povo negro açoitado nas senzalas, representando os muitos negros e negras que estão por pisar [e permanecer] no chão da universidade.

Palavras-chave: Cotas raciais. Acesso. Permanência. Resistência.

Categoria:

Área do Conhecimento:

Formato: